

## Resumo:

A presente comunicação objetiva abordar a construção do corpo e da identidade travesti a partir de um “episódio” etnográfico observado em meu trabalho de campo numa Igreja Inclusiva de São Paulo - o batismo de uma travesti. A partir deste “episódio” pretendo dar lugar a reflexões de gênero, que possibilitem pensar identidades travestis neste espaço religioso. A frase: “*Fulano é batizado, mas eu (citando seu nome travesti) não era*” torna-se paradigmática pois, revela uma complexa dimensão das subjetividades envolvidas nesse processo de reconstrução de si, através do espaço religioso. Nesse contexto, discursos de “*libertação*” voltados para a aceitação de travestis e transexuais na igreja por parte de outros membros engendram-se ao próprio processo de construção da identidade travesti e de sexualidades dissidentes. “*Libertar-se é aceitar e conviver com a travesti*”, é uma afirmação que ilustra os discursos sobre preconceito no meio LGBT, especialmente atrelado a construção do corpo e da identidade de gênero de “pessoas cujas vidas são marcadas pela experiência social da abjeção” e que encontram neste espaço religioso lugar de visibilidade e aceitação social.

Palavras - chave: Religião (igreja inclusiva), corpo, identidade travesti

## 1. Contexto

Minha pesquisa<sup>2</sup> tem como principal objetivo compreender as articulações entre gênero, sexualidade e vivência religiosa nesta Igreja Inclusiva de São Paulo, focando na análise de como se dá a construção e valorização de “femininos” entre gays, lésbicas, travestis, transexuais e *dragqueens*.

Esta comunicação é fruto da necessidade de reflexão suscitada pelo episódio

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT “Corpos, sexualidades, identidades dissidentes: que direitos, quais desejos”, na 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil

<sup>2</sup> Pesquisa em andamento, realizada como discente do Doutorado em Antropologia Social do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social- PPGAS/UFSC, bolsista Capes (2007-2009) e CNPq (2010). Orientada pela professora Dra. Miriam Pillar Grossi.

etnográfico do Batismo da travesti, sobretudo, porque em meu trabalho de campo para a pesquisa de doutorado em Antropologia eu convivi pouco com o universo trans no que tange às travestis, que muito pode contribuir para meu entendimento das questões relacionadas às construções do feminino nesta igreja.

Portanto, esta comunicação não tem a pretensão de contribuir significativamente para o campo de estudos das travestilidades no seu estrito senso. Não apenas pelo estranhamento que tal episódio poderá suscitar em pesquisadores do tema, mas porque o episódio e as reflexões que dele derivam, não estão circunscritos no universo das travestilidades (CARDOZO, 2009) como tem sido recorrentemente descrito, a partir das sociabilidades travesti (SILVA, 1993; OLIVEIRA, 1997; BENEDETTI, 2005; CARDOZO, 2009; PELÚCIO, 2007), que tem em sua grande maioria retratado travestis que se prostituem em seus espaços sociabilidade – a rua, a pensão e etc.

O episódio inspirador deste trabalho e mesmo a ligação *sui generis* da travesti com um espaço religioso onde a sociabilidade se dá de forma mais alargada entre travestis e outr@s atores não pertencentes ao universo trans, permite pensar como as travestis - que dentre as chamadas “sexualidades dissidentes” são marcadas como mais abjetas – estabelecem relações num espaço diverso daquele geralmente descrito, neste caso uma igreja inclusiva na cidade de São Paulo e, como se relacionam com sujeit@s divers@s, gays e lésbicas (figurando diferentes modelos de masculinidade e feminilidade) e outr@s sujeit@s trans ou que transitam entre as identidades de gênero como as *dragqueens* - estas últimas com papel fundamental na própria feminilização da travesti, atuando como “*madrinhas*”.

Neste texto, abordarei tanto as minhas observações e os relatos da construção do corpo e identidade femininas de Danny, como o cotidiano circunscrito às relações estabelecidas através da Igreja em contraponto com que se tem observado e descrito sobre as travestilidades, onde a prostituição surge como um processo importante da construção da *Pessoa travesti* (PELÚCIO, 2007; 2006), que segundo Fernanda Cardozo (2009) “são decorrentes da sociabilidade de travestis femininas e do aprendizado de toda uma *hexis corporal* (BOURDIEU, 1995; BENEDETTI, 2005)” experienciada nesses grupos.

## **2. Conhecendo Daniel, Danny, Danielly**

É preciso ressaltar que centro o texto numa personagem específica e não mencionarei portanto, a denominação da Igreja Inclusiva e todos os nomes adotados são

fictícios, embora tenha tentado preservar na escolha que fiz para Daniel a especificidade de seu nome bíblico, “*um nome de profeta*”.

Daniel foi a primeira pessoa da Igreja Inclusiva com quem travei algum diálogo em minha primeira observação de um culto, acontecida em setembro de 2008. Ao fundo estava tocando Jesus alegria dos homens de Bach e enquanto as pessoas se acomodavam, eu sentei na penúltima fileira e observei a movimentação. As pessoas em sua maioria estavam dispostas em casais, que se abraçavam e cumprimentavam uns aos outros com demonstrações de afeto. O pequeno salão estava quase cheio, havia cerca de quarenta pessoas, em número semelhante de homens e mulheres que conversavam animadamente. Logo um rapaz se aproximou para me cumprimentar, muito simpático ele se apresentou como Danny (depois soube que se escrevia assim com “*dois ns e y*”) e sorridente disse: “*seja bem vinda*”. Aquele jovem “rapaz” branco de 21 anos, cabelos longos ondulados, barba cerrada, vestido com calça jeans, camiseta e tênis me observava e deixava-me intrigada, havia apresentado-se a mim como Danny, e embora naquele primeiro momento eu não tenha considerado Danny um nome feminino (também porque ouvia as pessoas chamando por seu apelido precedido pelo artigo “o”), eu o tinha considerado bastante andrógino. Fui para aquele primeiro culto tendo em mente que eu não queria classificar previamente as pessoas, embora pense que descrever modos de vestir, falar e portar-se já configura em si uma classificação. Essa preocupação foi muito semelhante àquela encontrada por Anna P. Vencatto (2008) em sua pesquisa sobre *crossdressers*, pois nesses casos é imperativo que se perceba como as pessoas se entendem e querem ser representadas.

Além de Danny, muitos homens usavam acessórios “femininos”, alguns chamados por nomes femininos e masculinos ao mesmo tempo e por pessoas diferentes em rodas de conversa. Aos poucos, durante o campo, essa complexificação do “feminino” como fluído (BUTLER, 2003) e circulante entre @s distint@s sujeit@s tornou-se fator relevante para a análise na tese, mas não será o foco deste texto.

Danny ao final do culto veio com uma prancheta para preencher meu contato, mas enquanto falava ouviu alguém o chamar de Daniel e foi atender, pedindo para que eu voltasse sempre. Mais tarde ainda naquele dia anotei no diário meu pensamento de que Danny era um apelido. Não poderia estar mais enganada!

Antes do culto havia realizado uma entrevista com o pastor da igreja e passei e compreender sua fala sobre “*inclusão radical*”. Segundo o Pastor, o objetivo da igreja é incluir todas as pessoas e não fazer nenhum tipo de discriminação, principalmente de

gênero, argumento que ele levantou quando falou que a Igreja aceita travestis e trans e outras denominações inclusivas, segundo ele, não o fazem. Estendi o termo inclusão radical para além da orientação sexual e da identidade de gênero, uma vez que já naquele culto, havia um casal gay e um dos parceiros possuía deficiência auditiva e uma mulher traduzia para ele simultaneamente o culto inteiro em libras. Havia uma criança, filho de uma mulher que estava com sua companheira e claro, havia também travestis. Enfim, a composição do espaço e das pessoas, por idade, classe, gênero e etnia já compunha um mosaico extremamente complexo que me levaria a compreender o termo "*inclusão radical*" do qual o pastor havia falado em termos mais abrangentes, mas retornarei a este ponto mais adiante (A existência trans e a experiência da alteridade), pois considero que a Igreja teve um papel fundamental no processo de construção de uma identidade trans por parte de Daniel.

Além disso, ao longo do campo Danny tornou-se uma interlocutora privilegiada, alguém que questionava e dialogava comigo, não raro andávamos de braços dados até o metrô, ao supermercado e conversávamos na maioria das vezes sobre suas roupas, maquiagem e performances como *Dragqueen*, ao passo que Danny também perguntava muito sobre mim, minha cidade, minha família. Nessa relação Danny sentia a liberdade de brincar, contar piadas e tratar de forma jocosa sobre alguns temas e eu também, como quando no início do campo chamou-me de senhora eu brinquei dizendo que apenas mocinhas de quinze anos podiam me chamar assim e que Danny já havia debutado há muito tempo. Danny rindo muito disse: "*Ela mal me conhece e já ta me derrubando, pode?*" Ou quando encontrei com um grupo de pessoas da igreja no metrô e Danny, vendo minha bolsa grande e cheia disse: "*olha a bolsa dela, tá cheia de coisa pra se montar*". Às vezes, a jocosidade de Danny se revelava contrapondo mesmo a minha própria feminilidade, que para ela não seria tão "feminina". Perto dela eu "*parecia até um cavalheiro*", observou quando alguém no ônibus lhe pediu para que Danny cedesse seu lugar para mim falando "*primeiro as damas*", ao que reagimos de acordo, permanecendo cada uma em seu lugar, ela sentada e eu em pé.

Em outubro de 2008 presenciei Daniel num culto em que relatou sua trajetória, ele - que também canta no grupo de louvor da Igreja - deu um breve testemunho, relatando que aos seis anos de idade recebeu "*um dom de batismo com espírito santo*", "*o dom de línguas*". Em entrevista explicou que "*a gente diz assim que o batismo com o espírito santo é quando a gente começa a sentir a presença divina, eu sempre sentia, mas batizado com línguas foi aos seis anos*".

No testemunho disse que foi excluído, “*ficou de banco*” na sua igreja e questionou: *Deus não disse “vinde a mim os hetero*”, afastando-se por um período da sua Igreja de origem e relatando que só voltou a sentir a presença constante do “*Espírito Santo*” quando entrou para a Igreja Inclusiva. Danny define a “*presença do Espírito*” da seguinte forma:

Quando Deus me usa pra falar, tem coisas que Deus coloca no meu coração e eu falo. No domingo passado você viu que eu comecei a falar algumas coisas e aquilo que eu falei na hora do louvor que a gente foi cantar, eu não lembro. Deus toma a minha boca e começa a falar, colocar palavras na minha boca e depois quando eu tento lembrar o que eu falei, eu não lembro. (Danny, entrevista em julho de 2009)

Em julho de 2009 pude realizar uma longa entrevista com Danny, realizada em dois dias consecutivos no escritório da residência do pastor, onde Danny costuma ficar hospedada, assim como outr@s membr@s da Igreja. No primeiro dia a entrevista aconteceu porque eu havia marcado com um casal de mulheres que não compareceu para a entrevista e Danny prontamente ofereceu-se para antecipar a sua entrevista desde que “*sabe de uma coisa, se for tirar foto vou ter que retocar a maquiagem, bem.*”. No início da entrevista eu disse que Danny deveria se apresentar para que eu depois pudesse identificar ao áudio:

Meu nome de registro é Daniel Ferreira da Silva só que eu vou mudar ele pra Danielly Ferreira da Silva, no momento eu não vou fazer essa mudança porque eu não fico 24 horas transvestida não que isso pudesse atrapalhar, mas seria mais fácil eu conseguir. Mas aí também tem o fato de eu morar com a minha mãe, então... . (Danny, entrevista em julho de 2009)

A fala de Danny demonstra por um lado o caráter processual da assunção do nome feminino correlacionado ao modo de construção da sua travestilidade e por outro, evidencia a figura da mãe, pastora de uma igreja pentecostal que não admite ainda a presença feminina de Danny em sua casa, faz com que Danny foque sua feminilidade nos “*apetrechos*” femininos (que estão sempre escondidos “*debaixo do nariz dela*”), não empreendendo modificações corporais incisivas, apesar de fazer uso de hormônios para o crescimento dos seios<sup>3</sup>. Não acionando os mesmos mecanismos de

---

<sup>3</sup> Nesta trajetória Danny considera que sua mãe mesmo não a veja mais como “*homem*”: “Pelo formato de meu rosto, pelo formato de mim mesmo, não tenho mais a possibilidade de sair como homem de dentro de casa. Eu não passo mais a aparência masculina, a aparência masculina ela já não existe mais em mim. As pessoas não vêem mais um homem em mim, ninguém, até minha mãe mesmo. Ontem quando a minha mãe veio aqui (na casa do pastor) buscar meu irmão eu tava com barba, minha mãe virou pra mim e bem assim: *é bem, você tá uma Maria barbada, né?* (risos) Até ela, até ela já não enxerga mais um homem em mim. E eu acredito que ela não aceita não enxergar mais um homem em mim. Qualquer roupa

transformação de outras travestis pelo fato de “*não poder ser realmente quem eu quero ser*” em função de sua relação com a mãe, afirma que “*o mesmo problema que eu estava enfrentando com ela referente a minha homossexualidade agora eu to passando pela mesma coisa referente a minha travestilidade, minha transexualidade*” . Intrigada com a sua afirmação, perguntei-lhe: travestilidade e transexualidade são sinônimos? Ao que Danny simplesmente respondeu:

É que na verdade travestilidade não existe o termo, o termo é transexualidade, que engloba tudo. Existiam uns mitos, eu tinha medo, eu não conhecia o que era ser travesti, eu não sabia o que era ser travesti e eu sempre gostei do meu órgão genital. Eu nunca gostei do meu corpo, mas eu sempre gostei do meu órgão genital masculino e eu nunca quis abrir mão dele, então eu achava que se eu fosse colocar peito eu teria que tirar (o pênis) e eu não queria. Então eu nunca me assumi como travesti por isso. (Danny, entrevista em julho de 2009)

Desse modo é possível perceber que Danny assume uma identidade travesti dentro de uma lógica que embora por um lado possa reforçar o que Pelúcio (2004:129) chama atenção como “*sintomático*” - travestis são de camadas populares e mais afastadas do discurso bio-médico - por outro, revela que a sua travestilidade inserida neste universo trans se deu através de um “*conhecimento*”. Partindo da própria elaboração de Danny sobre sua travestilidade e, da mesma forma que Benedetti (2005), procurei evitar definir categoricamente travesti, evitando qualquer tipo de generalização e neste sentido incorporei-a ao universo trans “em função de sua propriedade de ampliar o leque de definições possíveis no que se refere às possibilidades de “*transformações do gênero*”. (Benedetti, 2005:17)

Danny relata que sempre foi “*muito ligado com o feminino*”, alegou “*eu comecei a fazer serviços domésticos cedo, lavava louça, limpava casa*”. Disse que a mãe fazia vestidos de noiva e com sete anos de idade “*teve um dia que eu vi e peguei um monte de lençol fiz um vestido de noiva pra mim, coloquei a marcha nupcial e eu me via entrando na igreja*”. Seus relatos remontam à infância, evidenciados no “*sempre me senti femininamente só que eu não sabia o que eu estava sentindo*” e revelam em certa medida modelos de feminino ligado ao doméstico, ao cuidado e ao ideal romântico de casamento.

Danny, ainda em entrevista, relatou que ficou “*chocada*” quando conheceu a

---

que eu coloque, vai ficar feminina, independente de qual for, se for uma calça mais larga, vão falar que é mais pra lésbica do que pra homem. Eu não saio de salto, não saio de vestido, não saio maquiada de casa por causa da minha mãe”. (Danny, entrevista em julho de 2009)

Igreja Inclusiva, porque era muito diferente do que “acreditava há mais de 20 anos”. Lembrou que ficou reticente em participar da ceia (que nesta igreja acontece todos os domingos) porque na “ceia eu não podia estar em pecado, tinha que estar santo, ceia era uma vez por mês, tinha que ter uma comunhão na igreja e eu tava no mundo”. Mas aos poucos foi mudando seu entendimento: “É aquilo que o reverendo diz, quando Jesus Cristo foi partilhar a ceia, ele não perguntou se era a primeira vez ou a segunda vez que elas estavam indo, ele simplesmente partilhou o pão para todos, e não eram só os discípulos, todos que estavam junto com ele. E ele não fez acepção de ninguém”. Disse que permaneceu na igreja inclusiva por ter reconhecido “uma forma de chegar perto de Deus”, mas que foi um processo difícil e que sentou várias vezes com o reverendo para questioná-lo sobre “o que está na Bíblia”, que sempre o questionava sobre os “textos usados para combater a homossexualidade”, que eram acionados pelos pastores nas igrejas que freqüentou na sua trajetória.

Com 14 anos que foi quando a Marta (Suplici) foi eleita (...) o pastor fez um discurso super homofóbico, e ali eu ouvi que o eu tava fazendo era errado perante a sociedade, perante as regras evangélicas e eu comecei a me martirizar com isso. Com 14 anos foi a idade em que eu perdi a minha virgindade e eu tinha relações sexuais com homens, só que eu sabia que o que eu tava fazendo era errado. Eu sempre procurava ir a lugares que ninguém me conhecia (...) e eu por ver isso, ter essa idéia, essa visão de que era errado e eu não consegui parar com o que eu sentia, eu tentei me matar várias vezes. (Danny, entrevista em julho de 2009)

A sua inserção na Igreja Inclusiva e o “processo de desintoxicação” (termo utilizado pelo pastor para caracterizar o período em que as pessoas vindas de igrejas “fundamentalistas” o procuram para aconselhamento) é significada por Danny como “libertação” e encontro com “a verdade”.

E hoje eu falo que a Igreja Inclusiva, simplesmente me mostrou a verdade, Deus usou a Igreja Inclusiva para me mostrar a verdade, (...) Eu fui liberta, não digo liberta da homossexualidade, não. Eu fui liberta daquilo que me pressionava e o que me pressionava não era a homossexualidade, era o fato de eu acreditar que Deus não me amava, era o fato de eu acreditar que Deus me abominava, e eu fui liberta disso. E hoje muitas pessoas viram pra mim e dizem Danny, ou Daniel: hoje você tá bem melhor do que antigamente, hoje você tá uma pessoa nova, a gente vê que você hoje tem vontade de viver, a gente vê através dos seus olhos, que você tem vontade, que você tem curiosidade, que você se ama agora, que você quer descobrir mais o que tem nessa vida, que você tá disposto a passar por tudo isso.

Se eu falar pra você que eu entrei para Igreja Inclusiva e a minha vida mudou completamente e eu não tenho mais nenhum problema é mentira. Hoje os meus problemas são piores do que antes.

Fátima: Por quê?

Porque hoje eu decidi enfrentar, eu decidi bater de frente, eu decidi vestir a camisa contra a homofobia sim, contra a transfobia sim, decidi lutar contra isso. Então eu vou falar pra você, dobrou o sofrimento, porque eu decidi lutar contra tudo isso. Antigamente eu não lutava, eu me escondia, antigamente eu aceitava e ficava calada, hoje não, hoje eu não me calo, hoje não tem ninguém Fátima, não tem ninguém que vá calar a minha voz, porque e hoje eu tenho certeza absoluta que Deus está na minha vida. (Danny, entrevista em julho de 2009)

O “*conhecimento*” de Danny sobre a travestilidade não se deu tanto pelo convívio com outras travestis mas, sobretudo, nas relações que o convívio na Igreja a possibilitou estabelecer. Através da igreja Danny conta participou de palestras, como as promovidas pelo Fórum Paulista LGBT onde pode “*conhecer mais sobre a transsexualidade*” e narra como momento definitivo para se “*assumir travesti*” sua conversa com o pastor:

Danny: Eu já sabia, já tinha uma idéia, até porque o reverendo sentou comigo e me explicou e foi quando eu me assumi como travesti, ele me mostrou que ser travesti não era um bicho de sete cabeças, é uma coisa que já é de si mesmo e ele me mostrou. E através dessa conversa eu pude me assumir mesmo como travesti.

Fátima: E porque você foi para essa conversa, o que aconteceu?

Danny: Como eu já tinha te falado antes, o fato de eu querer isso, de eu querer ser mulher, de eu querer essa identidade feminina, essa identidade de gênero feminina. Ele começou a prestar atenção nisso, o reverendo e aí eu não sei se você lembra o ano passado no seminário [dezembro de 2009], você tava presente, né?

Lembra que no primeiro dia da palestra teve o coquetel e eu fui travestida com macacão, maquiada e tudo e no dia seguinte eu não fui. Ele perguntou e eu disse: a Danny não teve vontade hoje de vir. Aí o reverendo olhou assim pra mim, e *espera aí vamos sentar e vamos conversar* e em dezembro (...) eu fui com o reverendo para o litoral fazer um casamento e ele conversou comigo e falou *olha Danny, o que você sente ser?* E aí eu comecei a falar o que eu tinha vontade, o que eu não tinha vontade.

Fátima: O que era?

Danny: Que eu queria andar 24 horas como mulher, só que eu tinha medo de colocar seios, eu tinha medo de perder meu órgão genital e eu não queria. E ele disse: *Calma, você tá pensando alguma coisa errado, não é assim, você pode ser Danny 24 horas, você pode ser Danny vestida em uma roupa de exército, mas você é a Danny. Você será Danny, você será uma travesti, não importa o fato de você ter seios ou não, e não importa o fato de você estar como mulher ou como homem, é a sua identidade de gênero, agora a forma que você vai expressar isso é uma forma sua. Você tem que se assumir gener... na forma de gênero, você tem que se assumir.* E aí eu comecei a ver e depois eu comecei a conversar com o Josimar que é enfermeiro e comecei a perguntar sobre a transformação e ele começou a tirar as minhas dúvidas. Todos os medos que eu tinha de perder o órgão genital e ele disse que não, que se eu queria ser travesti eu não precisava fazer isso, era só ir tomando hormônio da forma correta e ele começou a fazer o acompanhamento.

Eu sempre quis ter seios, só que eu tinha medo e hoje eu tô tomando hormônio.

Fátima: E quais são os teus objetivos em relação ao corpo?

Danny: Eu quero assim retirar toda a forma masculina, perder todos os pelos, fazer uma cirurgia no estômago pra reduzir um pouco, na barriga para tirar o excesso de gordura que eu tenho, pretendo fazer os seios crescerem, pretendo tirar o pomo de Adão e futuramente se precisar dar uma leve afinada no meu rosto. Mas infelizmente enquanto eu morar com a minha mãe..., eu não posso fazer isso agora. (Danny, entrevista em julho de 2009)

Danny conta que antes de se “*assumir travesti*” e depois de sua “*aceitação*” como homossexual, criou uma personagem *Dragqueen- Kelly*, “*só que ela não fez nenhum show*”, apareceu em 2005 para Daniel “*poder ir para a Parada*”. Em 2007 surgiu Rayssa, que fora batizada com o sobrenome de uma “*drag famosa o ABC*”, sua primeira madrinha neste universo. Raysa apresentou-se uma única vez “*ficando guardada no baú*” até a entrada de Danny na Igreja Inclusiva, onde surgiu novamente fazendo shows na própria igreja junto com outras drags (em festividades da igreja) e em algumas boates. A drag de Danny, entretanto, evoca sua aspiração em ter uma carreira, “*investir na Rayssa*”(além da carreira de “*estética e beleza*”). Nas performances de Rayssa, sua especialidade é “*bater cabelo*”, e suas performances apresentam uma feminilidade forte, assertiva e agressiva bastante empoderada. Danny caracteriza sua drag como “*uma garota ousada, uma garota que não tem vergonha, ela chega e se quer alguma coisa vai atrás, não é tímida, é uma garota totalmente desinibida, ela é uma personagem que existe, ela chega e fala: eu quero ficar com essa pessoa e vai*”. A “*personagem que existe*” portanto, se contrapõe a própria visão de Danny sobre si, “*toda tímida, morre de vergonha, digamos que a Danny tá um pouquinho sozinha por causa dessa timidez que ela tem, a Danny tem um feminino muito delicado, é uma mulher bem delicada, conservada e a Rayssa não*”, e segundo Danny, “*às vezes a Rayssa tá com tanta raiva da Danny, de algumas coisas que a Danny não faz, que ela tenta assumir a posição*”.

## 2.2 O Batismo

Na manhã do domingo de páscoa de 2009, o último culto realizado no retiro da Igreja Inclusiva focava o batismo e o pastor encerrou sua pregação dizendo: “*Você já se sentiu invisível? Já pisaram em você, Deus te acolhe*”, introduzindo tod@s para o batismo que aconteceria na piscina ao lado do salão de culto. @s batizand@s foram

vestir suas túnicas brancas e as pessoas foram se abraçando ao redor da piscina para presenciar o Batismo. Em seguida, @s batizand@s se reuniram em oração com os pastores, que os “entregaram para Deus” e pediram a presença do *Espírito Santo*. Um a um foram recebidos pelos pastores e imergidos na água. Danny estava muito emocionada, chorava e balbuciava muitas palavras e finalmente quando foi chamada a “*entrar nas águas*” chorou copiosamente e saindo da piscina ajoelhou-se, orou e “*falou em línguas*”.

Mais tarde perguntei a Danny se ela não era batizada e ela disse que o Daniel tinha sido batizado quando era “pequeninho” e nas águas quando era adolescente, mas que agora era a Danny quem se batizava, disse que esperava muito por isso e que estava muito feliz e emocionada.

Neste mesmo retiro, numa palestra no dia anterior, o pastor falava que evangelizar não era aumentar o número de membros da igreja, mas que era levar a “*boa nova*”, de “*auto-estima*” para outras pessoas, para que se sentissem “*felizes*” e “*plenas*”, o exemplo que ele usou foi: “*Vejo travestis se vendendo por dez reais. ‘Linda, pára com isso, você é preciosa. Levanta essa cabeça, faz a sobrancelha, põe uma echarpe, passa um batom*”. A fala do pastor por um lado, evoca o reconhecimento da abjeção e por outro, uma certa vitimização em relação ao contexto da prostituição, contudo revela seu entendimento de uma existência travesti em outros contextos.

A decisão de Danny pelo batismo é justificada através do argumento de que Daniel - porque várias pessoas “*profetizaram*” para a sua mãe - nasceu “*para unir a mãe e o pai*” e quando “*enterrou*” o pai (quando tinha sete anos) “*sua missão tinha sido cumprida*”. Quando “*veio a Danny pra começar a exercer a função dela, foi muito complicado pra aceitar isso*”, sua missão é “*levar a mensagem de Deus para todas essas pessoas que acreditam que são desamparadas espiritualmente, principalmente as travestis, principalmente elas, travestis e transexuais*”. Danny conta que “*infelizmente*” não tem amigas travestis, só conhece aquelas que visitam a igreja ou que encontra em eventos, mas que ela estava se “*preparando*” para relacionar-se com outras travestis, pois considera que é muito “*complicado*” pois, segundo Danny, as travestis pensam “*quero ser travesti, então vou ter que abandonar todos os conceitos, sociais, conceitos humanos, conceitos evangélicos, algumas acreditam ter que abrir mão do amor de Deus então ela sente mais vulnerável, ela se sente maltratada, elas não se sentem bem em relação a isso, a esta aceitação.*”

Danny também justifica que a aproximação com travestis em seu próprio

universo é dificultada por que,

tem umas igrejas que tem a mente fechada mesmo sendo inclusivas, tem uma mente fechada, referente a que para você ser evangélica, você tem que ser santa, você não pode ser mais pecadora e você tem que deixar de fazer o que você fazia.

É complicado isso, porque a gente sofre, a gente tem que oprimir uma coisa que a gente gosta. Ou seja, eu vi igrejas gays, inclusivas, abertas para gays que falam que você pode ser gay sim, mas você não pode ir para a boate, você pode ser gay sim, mas você não pode beber cerveja, se você beber cerveja você vai pro inferno, se você for pra boate você vai pro inferno, se você for pro *dark room*, você vai pro inferno e não é bem assim. (Danny, entrevista em julho de 2009)

Perguntada como sua igreja entendia a prostituição das travestis, por exemplo, Danny afirmou que:

Se isso te faz bem então, querida... Se isso tá te fazendo bem, então tudo bem. Se não está te prejudicando, tá tudo bem, ótimo. Agora se tiver te prejudicando, vamos ver o que está acontecendo, se você não tá se sentindo bem fazendo isso, espera aí. Nós não obrigamos as pessoas a deixarem de ser quem são, não obrigamos as pessoas a serem do jeito que nós queremos, liberdade, não é você ser liberta de uma coisa e entrar em outra cadeia, liberdade não é você mudar de cadeia, ser transferida pra outra cadeia, não é. O que acontece nessas igrejas é isso, você deixa de ser preso ao mundo e você passa ser preso a igreja. você tem que ser liberta de verdade, ser livre de verdade. (Danny, entrevista em julho de 2009)

### **3. A existência trans e a experiência da alteridade na Igreja Inclusiva- Algumas reflexões**

Numa tarde de abril de 2009, estava na casa do pastor convidada para almoçar. Na sala durante a conversa entre mim, o diácono o pastor e um jovem rapaz membro da Igreja, perguntei-lhes se a Igreja não possuía “normas de conduta” (a exemplo do que eu havia lido na tese de Marcelo Natividade (2008) sobre uma igreja Inclusiva no Rio de Janeiro). Eu já havia perguntado isso ao pastor em outra ocasião e ele me dissera que não existiam normas de conduta e “*cada um que cuide da sua própria vida*”, desta vez porém, ele deixou a resposta para o grupo e o diácono jocosamente disse “*ema, ema, ema, cada um com seu problema*”. O pastor disse então que muitas pessoas o procuram no atendimento pastoral esperando “*algo assim*”. Então ele introduziu o que me pareceu bastante importante no seu modo de trabalhar na igreja e consecutivamente naquilo que poderia se chamar de aspecto da teologia da Igreja: A relação entre

“pecado” e “culpa”- o pastor afirma que o “problema” das pessoas não é o pecado, pois este segundo ele já foi perdoado com a crucificação de Cristo. Entretanto, as pessoas sentem-se culpadas por suas atitudes, pelos padrões da sociedade e por suas relações pessoais (mais especificamente familiares). Contou sobre três casos onde relacionou “culpa” e a relação com a “feminilidade”: O primeiro sobre um homem gay, de cerca de 40 anos que “libertou-se” quando deixou de ter preconceito contra gays mais “femininos” a partir de sua convivência com Danny; o segundo sobre Mario que se veste com roupas femininas (vai ao culto com elas) mas continua a ter sua identidade masculina e “libertou-se” por fazer isso publicamente após conversa pastoral; e por fim relatou sobre Daniel, que está num “processo trans” construindo sua identidade Danny e que por muitas vezes, o procurou muito afluente e num dia derradeiro pastor perguntou: *Você vai se sentir melhor se eu te chamar de Danny?* e a partir de então ficou reconhecida pela comunidade como Danny.

No entendimento do pastor a “libertação” e a “conversão” são processos diários que envolvem deixar a culpa e também despir-se de preconceitos, especialmente no que diz respeito ao “feminino”, como exemplificou nos casos que relatou-me e que fora evidenciado em entrevista com outras pessoas membros da igreja.

A inclusividade, no começo você acha que a igreja prega uma inclusividade só pra homossexual. Não, a igreja prega uma inclusividade total. Negros, magro, gordo, a pessoa que é diferente e que todos desprezam a igreja inclui, essa é a ideia. Tanto que, aquela coisa, a gente acaba tendo muito preconceito de “ah, aquela pessoa é um travesti” ou eu já tive contato com garotas de programa na igreja, foi um baque também, mas como eu já tinha passado por aquilo de entender o se sentir mulher, pra mim foi mais fácil, eu conheci uma moça que ela é garota de programa e ela vem nos cultos, ela participa da ceia, é uma pessoa maravilhosa, só que o celular dela toca e ela faz a agenda dela. É errado? Por quê é errado? Antes eu achava que era! Então tem essa inclusividade também, independente da sua profissão ou do que você é, aqui é uma comunidade. (Rafaela, entrevista em abril de 2010)

Entretanto nas relações estabelecidas com Danny é possível perceber que sua feminilidade é considerada de segunda ordem e ainda que sua identidade seja respeitada, por ser travesti o sexo surge como uma potência ampliada. Em março de 2009 eu encontrei um grupo da Igreja para nos dirigirmos a um culto no casal de mulheres membro da Igreja e no ônibus percebiam que chamavam a atenção e comentavam *“ah, tá todo mundo falando da bicharada!”*, *“o povo nunca viu tanta bicha junta!”*, alguns *“dando pinta”* e outros mais contidos ou preocupados com minha presença *“Ai, o que é que ela vai pensar da gente?!”*. Danny estava sentada e

alguns rapazes - reagindo ao seu comentário de que não iria se levantar para dar lugar para mim, o que eu também recusei- começaram a bagunçar o cabelo comprido de Danny dizendo, “*traveca, traveca, traveca*” todos riam e Danny disse sorrindo e olhando para mim, “*Olha só o que eles fazem comigo*”. Eu apenas sorri e pensei que naquele momento evidenciou-se que mesmo a identidade feminina de Danny era colocada numa posição hierarquicamente diferente da minha, considerada biologicamente uma mulher. Algo semelhante aconteceu quando alguns homens, eu e Danny estávamos na casa do pastor e Danny questionando se era perceptível o crescimento de seus seios teve os mesmos apalpadados por vários deles e reclamou “*pára, vocês acham que não dói*”.

Por outro lado, a existência trans nesta igreja inclusiva, superdimensionada na presença de Danny permite que gays e lésbicas reflitam sobre hierarquias e identidades de gênero num universo de diversas “sexualidades dissidentes” como no relato de Rafaela, uma jovem negra, lésbica de 28 anos, que explicava para mim a importância do “aconselhamento pastoral” e de sua relação com o pastor da igreja seu “tratamento”.

Foi um tratamento muito grande. Apesar de eu ser (lésbica) e estar com uma mulher eu era extremamente preconceituosa. Porque, a primeira pessoa que me abraçou e me recebeu aqui na igreja foi a Danny, aquilo me deu um... (fazendo expressão de repulsa), por quê? Porque era um homem e que tava vestido de mulher. E como isso podia acontecer? Um homem vestido de mulher dentro de uma igreja? Fora de cogitação! E eu fiquei uns dois, três meses freqüentando a igreja com isso, eu não podia olhar pra ela que eu chorava, me dava um desespero muito grande. E foi obra de Deus mesmo, o pastor me ajudou muito, e foi uma coisa que ele me falou assim e que me marcou muito: *pensa bem, imagina você nascer com um corpo e ser outro dentro de você, a sua cabeça ser outra e todas as vezes que você olhar no espelho você ver uma coisa que você não quer? Bom, você pode. Deus vai continuar te amando*. Então foi isso, foi um tocar de Deus, foi um tratar. Nos primeiros três meses foi tratado mais esse lado mesmo, porque eu achava assim você pode ser lésbica, mas não seja masculina você pode ser gay mas não seja feminino. Eu achava que era pecado ser lésbica, eu fazia de tudo para não parecer “macho”, mas enquanto eu tentava me esconder eu acabava me mostrando mais.[...]

Uma vez eu vi uma coisa que o pastor fez que eu achei diferente: Chegou uma moça, que você via que era uma mulher, mas ela tinha atitudes de homem, os traços eram extremamente femininos, até o sorriso dela era feminino, mas é um homem. Ela chegou e cumprimentou o pastor, eu tava do lado dele ela cumprimentou a gente e o pastor virou pra ela e disse assim *prazer eu sou o reverendo, e você é a ? ou você prefere ser chamado do?* E ela falou assim pra ele: *Eu sou...hum...é... Alba, meu nome de registro é Alba, mas eu prefiro que você me chame de Alberto*, e desde então a comunidade inteira a chama de Alberto. É o caso da Danny, o nome dela é Daniel só que a comunidade chama de Danny, que é o nome que ela quer. Então, eu acho que todo mundo, a gente, a gente precisa de um lugar onde é acolhido e aceito como é e como quer ser chamado, sem rótulo assim. Sabe?! (Rafaela, entrevista em abril de 2010)

Há, portanto, conflitos e diferentes moralidades em jogo e o pastor atua como mediador - como mesmo diz, “pedagogicamente”- no processo de “libertação”:

São dois movimentos que precisam ser feitos: Primeiro, de libertação no sentido de que as pessoas precisam entender que família ou a heteronormatividade é uma coisa que a gente não precisa reproduzir, nós não temos obrigação de reproduzir sistema nenhum, modelo nenhum. Até porque isso não corresponde ao livro que nós usamos como regra de fé que é a Bíblia, relacionamento monogâmico na Bíblia é raro. Mas ao mesmo tempo como comunidade inclusiva, nós também precisamos respeitar as limitações das pessoas que chegam novas na comunidade, é uma coisa que pede atenção constante.(Pastor, entrevista em abril de 2010)

A construção da feminilidade de Danny é *sui generis*, pois não se dá inteiramente num espaço de sociabilidade travesti, mas também por ser construída sem as referências que a sociabilidade travesti permite construir . Ao contrário, durante o campo - em sua função primeira de secretária de Igreja, como ministra do louvor esmerando-se em “louvar ao Senhor” de semelhante forma às famosas cantoras do meio evangélico e também prestando serviços domésticos para membros da igreja - Danny foi se contrapondo e se construindo como sujeita feminina(Cardozo 2009), num espaço “masculino” que em certa medida a confronta e a afirma.

O batismo aparece como um reconhecimento de adesão, não somente à igreja e à “teologia inclusiva” que esta expressa, mas também como travesti, uma posição política de enfrentamento e visibilidade dentro e fora da igreja como sugerem as aspirações de Danny.

A existência trans nesta igreja inclusiva é utilizada política e “pedagogicamente” pelo pastor (e também por Danny) para colocar em discussão percepções sobre identidade de gênero e sexualidade de diferentes sujeit@s e fazer compreender os argumentos da teologia inclusiva neste contexto. Libertar-se, nesse sentido, não é um processo individual, mas se dá, sobretudo, na relação de alteridade expressa no que consideram mais abjeto.

## Referências Bibliográficas:

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda Feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOZO, Fernanda. **Das dimensões da Coragem**: Socialidades, Conflitos e Moralidades entre Travestis em uma cidade no Sul o Brasil. Dissertação de Mestrado – PPGAS/Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

OLIVEIRA, Marcelo José. **O Lugar do Travesti em Desterro**. Dissertação de Mestrado – PPGAS/Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: dezembro, 1997.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER, 1993.

VENCATTO, Anna P. O que faz uma mulher, mulher?: sexualidade, classe e geração e a produção do corpo e do gênero em homens que praticam crossdressing. Trabalho apresentado no VIII encontro internacional Fazendo gênero, agosto de 2008.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne, na pele**: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. São Carlos: 2007.

PELÚCIO, Larissa. “O gênero na carne: sexualidade, corporalidade e pessoa: uma etnografia entre travestis paulistas”. In: GROSSI, Miriam & SCHWADE, Elisete (orgs.). **Política e Cotidiano**: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade. Blumenau: Editora Nova Letra, 2006 (pp. 189-216).

PELÚCIO, Larissa. “Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo”. In: ANTHROPOLÓGICAS, ano 8, volume 15(1), 2004 (pp.123-154).